

MINHA VIDA MEDIÚNICA

Volume 02

Mara Santos



2025

MINHA VIDA MEDIÚNICA

Percepções e análises



Mara Santos

2025



Agradecimentos

Nesta travessia de alma e papel, não poderia seguir sem prestar minhas mais sinceras homenagens àqueles que são parte essencial do meu caminho.

Aos meus amados pais, Tânia Mara Santos e Gilnei Crizel, minha eterna gratidão. Hoje, na paz do plano espiritual, sei que continuam me amparando com amor silencioso e luz constante.

Suas presenças seguem vivas em mim, nas lembranças, nos valores, na força, que muitas vezes só encontrei por saber que estavam por perto, mesmo invisíveis aos olhos.

Às minhas filhas, Tânia Crizel e Taíssa Crizel, que são partes do meu coração vivendo fora de mim, meu amor sem medida. Vocês me ensinaram o que é entrega, renascimento e continuidade. São frutos da minha história e raízes do meu futuro.

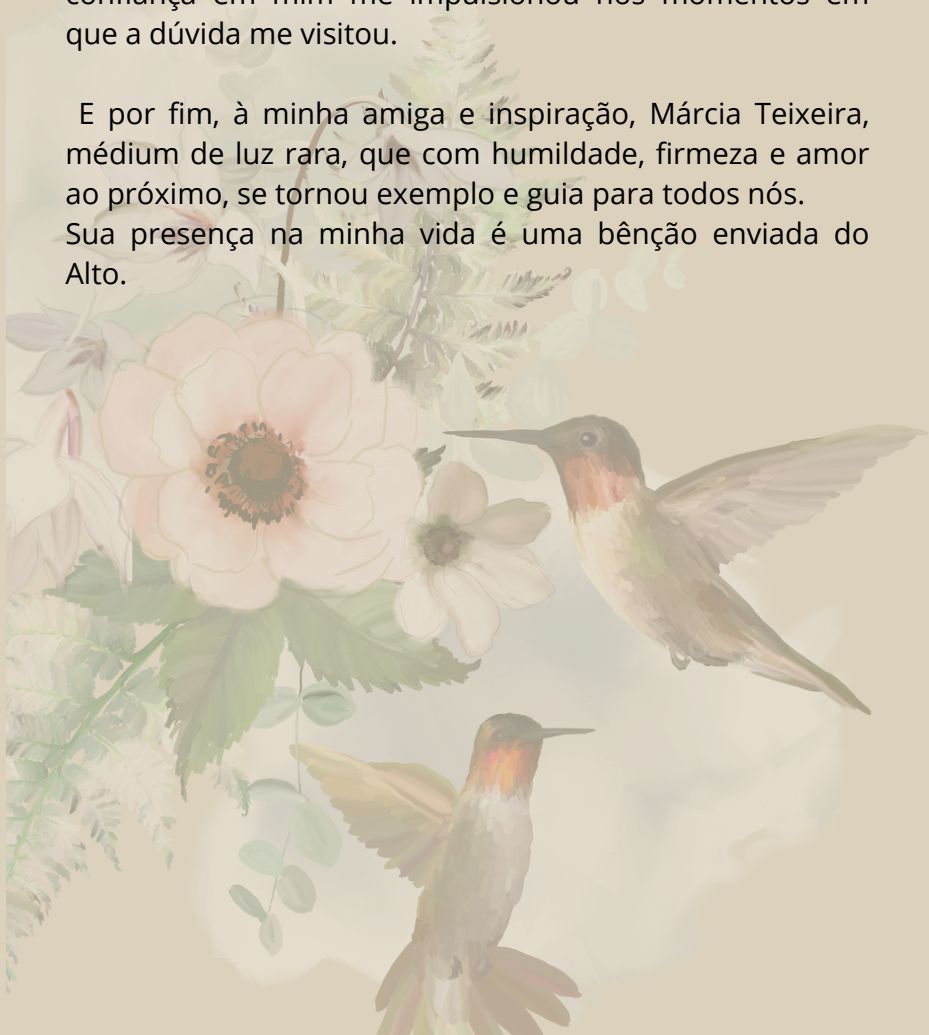
Às minhas netas, Aryta Crizel, Kenya Crizel, Sophia Crizel e ao meu neto querido, Luiz Augusto, minha alegria se renova em cada um de vocês. São sementes de luz em minha vida.

Ao meu bisneto que está por vir, Davi, deixo aqui meu carinho antecipado, como bênção escrita nas páginas do tempo.

Ao meu companheiro de alma e de estrada, Valter Stelmach, minha profunda gratidão por cada gesto, pelo silêncio compreendido e por todos os momentos em que sua presença foi abrigo. Ter você ao meu lado nesta jornada me fez mais forte, mais serena e infinitamente mais amada.

Ao querido Flávio Faria, dirigente do Espiritualismo Racional Científico Cristão, meu reconhecimento e reverência. Seu trabalho é farol que guia, com firmeza e lucidez, tantos de nós no caminho da fé com razão. Sua confiança em mim me impulsionou nos momentos em que a dúvida me visitou.

E por fim, à minha amiga e inspiração, Márcia Teixeira, médium de luz rara, que com humildade, firmeza e amor ao próximo, se tornou exemplo e guia para todos nós. Sua presença na minha vida é uma bênção enviada do Alto.



Dedicatória

Este livro é também de vocês.

Cada um deixou aqui sua marca, sua vibração, seu amor. Sem vocês, essa história não teria a mesma alma.

Com todo meu amor, Mara Santos.



Palavras Iniciais



Dra. Mara Santos
Psicanalista e Supervisora Clínica

Ao longo da minha trajetória como psicanalista, professora, pesquisadora e cuidadora da alma humana, fui conduzida por muitas estradas do saber: da Teoria Psicanalítica à Neurociência, da Acupuntura à Homeopatia, da clínica com crianças e adolescentes aos estudos sobre a felicidade e os conflitos internos que nos habitam.

Mas há um campo do existir que sempre me atravessou de forma silenciosa, íntima e transformadora: a mediunidade.

Escrever esta autobiografia foi um ato de coragem. Não apenas por compartilhar experiências que ultrapassam a linguagem acadêmica, mas por dar voz àquilo que, por muito tempo, precisei silenciar para caber nos moldes da razão. Neste livro,

abro as portas da minha história com a mediunidade — não como um fenômeno místico ou religioso, mas como uma dimensão legítima da experiência humana, muitas vezes incompreendida e solitária.

Entre o rigor científico da Universidade Rutgers, onde atuei como professora pesquisadora, e a escuta profunda da clínica infantojuvenil, compreendi que existe algo sutil — porém real — que conecta o visível ao invisível. E que não é possível tratar o sofrimento humano ignorando as camadas espirituais da existência.

Minha formação em Ciência da Felicidade e Psicologia dos Conflitos me ensinou que a paz não nasce da negação do que somos, mas da aceitação plena de nossa essência. E a minha essência é, também, mediúnica.

Esta obra é um convite: para que você, leitor ou leitora, possa mergulhar não apenas na minha história, mas na sua própria sensibilidade. Que essas páginas sirvam de ponte entre mundos — o interno e o externo, o racional e o intuitivo, o científico e o espiritual.

Com carinho,

Dra. Mara Santos

Psicanalista • Mestre em Teoria Psicanalítica

Doutora em Neurobiologia e Neurociência • Professora
Pesquisadora – Rutgers University (EUA)

Especialista Infantojuvenil • Embaixadora contra a Violência Infantil

Graduada em Ciência da Felicidade e Psicologia de Conflitos
Acupunturista e Homeopata

Fragmentos da Minha Vida Mediunica

Meu nome é Mara Rosani Santos Crizel, nascida em Pelotas, Rio Grande do Sul, sou doutora em Psicanálise e neurocientista,

Desde os nove anos de idade, enxergava espíritos... com o passar do tempo fui desenvolvendo outros dons mediúnicos.

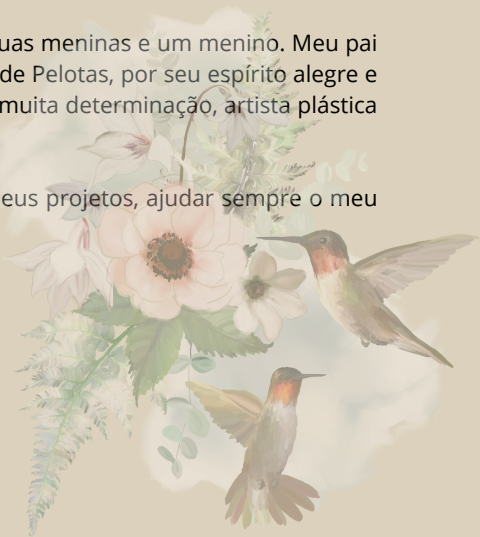
O foco aqui será falar sobre minha mediunidade desde a infância, juventude e vida adulta até a presente fase da minha vida.

Nasci em uma família que professava a filosofia Racionalista Cristã, vertente filosófica fundada por Luiz José de Mattos em 1910 na cidade de Santos-SP, onde minha avó materna, Maria Santos, foi médium atuando em uma filial do Racionalismo Cristão até desencarnar, onde foi designada astralmente a atuar como espírito de luz responsável pela fluidificação da água, que era distribuída a todos os interessados da comunidade, frequentadores das reuniões espiritualistas.

Minha avó, Maria, desencarnou quando eu tinha 7 meses de idade e, como minha mãe, Tânia Mara Santos, também foi criada nessa vertente filosófica, e tais costumes foram sendo passados para a família.

Eu sou a filha mais velha de três filhos: duas meninas e um menino. Meu pai era feirante e muito conhecido na cidade de Pelotas, por seu espírito alegre e solidário, minha mãe era uma mulher de muita determinação, artista plástica e escritora.

Aprendi com eles a nunca desistir dos meus projetos, ajudar sempre o meu próximo.



PRIMEIROS INTERESSES PELOS ESTUDOS, EXPERIÊNCIAS MARCANTES

Eu era uma menina muito introvertida, não tinha amigos, ia na carona dos amigos da minha irmã Márcia Santos. Aos 9 anos, enxerguei o primeiro espírito, lembro como se fosse hoje. Ele estava no portão da garagem de casa, era muito feio, tinha a metade dos braços e uma perna só, todo preto... flutuava... desmaiei. Foi um corre-corre danado para o médico a fim de saber o que eu tinha.

Desde então, desmaiava por qualquer coisa. Foi quando minha mãe percebeu que eu era portadora de mediunidade, me chamou e conversou comigo. Passei a ler os livros editados pelo Racionalismo Cristão. No início tinha medo, mas fui aprendendo a lidar com tudo, procurava ficar em lugares onde me sentisse bem, podendo chamar e contar para minha mãe o que via.

Meu pai achava que era bobagem, pois era ateu, não acreditava em espíritos e nem em Deus, só acreditava em discos voadores, vivia dizendo que o mundo ia acabar em fogo ou água.

Eu estudava em colégio público, amava estudar, desenvolvi verdadeira paixão pelos estudos. Desde criança tinha pressa de estudar tudo que visse pela frente, pois achava que, quando desencarnasse, iria aproveitar tudo o que aprendi em outra encarnação.

Sempre sonhei em ser veterinária, mas meu sonho foi por água abaixo, quando em um teste vocacional, o resultado apontou para a área da medicina; na ocasião, fiquei decepcionada porque queria curar todos os animais, mas hoje entendi que o resultado dos testes aplicados pela psicóloga estava certo, não seria boa veterinária, pois iria levar meus pacientes todos pra casa.

De tanto minha mãe falar que o sonho dela era ser enfermeira, acabei fazendo vestibular para enfermagem. Mal sabia que o sonho não era meu!

VIDA ADULTA E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL OU ESPIRITUAL

Com 17 anos de idade, tive minha filha. Minha mãe me aconselhou a estudar, que ela e meu pai ajudariam a cuidar da minha filha. Foi então que resolvi seguir meu destino e fiz Enfermagem; a formatura foi um sonho, deixei minha família muito orgulhosa.

Mas, e o emprego?

Não tinha, então corri atrás...

Eu sempre tive certeza de que tudo iria dar certo, e dava, de um jeito meio torto, mas dava.

Fui a um hospital da minha cidade, a Beneficência Portuguesa, e, com muita vergonha, perguntei para a secretária na recepção se tinha vaga; ela disse que não. Como sempre fui determinada, perguntei se estavam precisando de estagiário, e ela tornou a dizer não. Foi então que perguntei sobre estágio voluntário!

A secretária olhou para mim e disse: — À noite? — Como se eu fosse desistir!

Falei pra ela: — Quando começo?

Foi quando comecei a trabalhar como estagiária de um médico nigeriano, na ala das doenças infectocontagiosas, no subsolo do hospital. Era uma prova de fogo para desistir, mas... não desisti. Meu lema!

Ética profissional, uniforme impecavelmente branco, e assim fazia meus plantões na madrugada. Sempre correndo atrás de um médico nigeriano, embora não compreendesse quase nada do que ele falava.

Numa determinada noite, fui visitar uns pacientes que gritavam de dor, entrei no isolamento e, como era muito carinhosa com os doentes, já chegava com um sorriso. Entrando no quarto, meu sorriso ficou congelado quando vi um espírito ao lado do paciente. Ele estava vestindo um casaco longo preto, um chapéu antigo, tipo cartola, tinha um bigodão, agarrado a uma maleta de médico, analisava o paciente. Continuei com o sorriso congelado, chegando mais perto, e o espírito, muito seguro, me disse:

— Este vai morrer às 18h.

Saí correndo dali, fui para o posto de enfermagem e relatei o ocorrido ao médico: "o paciente do leito 325-C vai morrer!"

Espirito do Medico que andava pelo Hospital



Ele olhou para mim com aqueles olhos brancos e arregalados e disse:

— Como sabe?

Respondi:

— Eu sei, apenas isso!

Após relatar pra ele, fiquei olhando para o relógio da parede pensando: era ilusão, era ilusão!

Foi quando a campainha de emergência tocou; um paciente estava em parada cardiorrespiratória. Saí correndo com o material de ressuscitação, mas quando cheguei no quarto, o médico determinou que não era para ressuscitar. Quando olhei para o paciente, era aquele que ia às 18h.

Dali em diante esses episódios passaram a ser constantes. Toda vez que via aquele espírito, sabia que alguém desencarnaria.

Passaram-se alguns meses e me chamaram na direção do hospital, me deram a primeira vaga de funcionária do hospital!



Foi a primeira vez que entrei pela porta dos funcionários com o cartão de ponto na mão. Um orgulho estampado no rosto! Passei por vários setores, pois adorava estudar, fazia muitos cursos de capacitação. Foi quando me transferiram para a ala pediátrica que iria ser inaugurada. Pensei: deve ser bom trabalhar com crianças... Naquela noite, quando fui para a pediatria, pois foi a inauguração, ainda não tínhamos nenhum paciente internado. Logo após a cerimônia de inauguração, eu e minha colega ficamos sentadas esperando o tempo passar. Foi quando a colega teve a excelente ideia de fazermos um café. Eu disse que o material de fazer café estava no armário na sala próxima ao pronto-socorro que foi fechado. Pedi que ela colocasse a água para aquecer e fui buscar o pó de café e demais acessórios... caminhava rápido, quase correndo, dizendo para mim mesma:

— Não tenho medo... não tenho medo...

Chegando perto do pronto-socorro, vi uma luz no corredor passar. Pensei que alguém estivesse lá e fui atrás. Porém, virando o corredor, vi uma luz muito grande que saía de um lampião nas mãos de uma freira, toda de branco. Saí correndo, cheguei na pediatria sem ar; minha colega, assustada, perguntou:

**Freira que andava nos corredores de
uma ala desativada, onde na época
era isolamento dos doentes de
tuberculose**



— Onde está o café?

Contei para ela o que havia acontecido. Ela me disse que antigamente eram as freiras que cuidavam dos pacientes vítimas de tuberculose, e que aquela ala era isolada, pois quem se internava ali normalmente não saía mais, porque na época era raro alguém ficar curado, e as freiras faziam esses serviços. Aqueles, porém, não tinham quem os fizesse. Tempos depois, toda a ala foi desativada e transformada em pronto-socorro.

As semanas foram passando e a pediatria ia enchendo, os fenômenos estranhos (observados pela mediunidade) também. Um dia, ao adentrar ao posto de enfermagem, pois me chamaram para pegar um acesso intravenoso em um bebê de dois meses, pois ninguém ali no plantão tinha conseguido; por ser especialista em acesso venoso neonatal, fui chamada. Quando abri a porta da sala de enfermagem, vi minhas colegas com um bebê e aquele homem de preto, bigodão, ao lado do bebê. Fechei a porta e saí chorando para a sala do café. Minha colega veio atrás de mim, ela era espírita e logo percebeu algo e me perguntou:

— O que você viu?

Foi então que lhe contei que, quando aquele espírito aparecia, o paciente desencarnava.

Com muita calma, ela me abraçou e disse para não ter medo, pois ele devia estar ali por algum motivo, e que eu fosse lá e fizesse o meu trabalho, pois estavam todos esperando para poder administrar medicamentos no bebê. Chegando na sala, o espírito apontava para a cabeça do bebê. Não soube entender no início, mas ao chegar mais perto da criança, pude perceber que todos os acessos do corpinho dela haviam sido perdidos, só me restava explorar as veias da cabeça. Seguindo a direção apontada pelo espírito, coloquei a agulha e o sangue fluiu; senti uma alegria imensa de ter conseguido proporcionar àquela criança a oportunidade de tratamento.

A partir desse episódio, percebi que aquele espírito não era do mal, e sim um médico que amava sua profissão e não sabia, não conseguia, ou não queria ir embora.

Outra ala seria inaugurada no hospital e me enviaram para lá. Era uma ala particular, completamente diferente daquelas em que eu havia trabalhado, mas doentes são doentes, e todos necessitavam de alguma forma de ajuda.

Reparei que nessa ala havia mais tristeza do que na enfermaria, pois era frequentada por seres humanos colocados ali para um tratamento prolongado, pelos próprios filhos, que não os queriam em casa, ou eram pacientes portadores de HIV, que também eram deixados ali, pois, na época, eram excluídos da sociedade. Acabávamos nos tornando parte de suas vidas. Foi nessa época que comecei a emagrecer muito, a cada semana emagrecia mais. Uma voz me dizia:

— Você vai morrer! Por que não se atira pela janela e acaba com essa tortura?

Eu trabalhava no último andar e toda vez que ia para o posto de enfermagem passava perto da janela e ouvia essa voz. Toda vez que eu olhava no espelho estava mais magra. Desesperada, pedi ajuda a minha mãe, que me orientou a procurar um médico particular. A consulta foi marcada, compareci — nunca vou esquecer como o médico olhou meus exames e de que maneira me passou o diagnóstico.

— Você, de duas uma: ou tem câncer ou tuberculose.

Fiquei em estado de choque, saí dali sem sentir meus pés no chão, fui direto para a casa da minha mãe aos prantos, pedi pra ela cuidar da minha filha, pois eu ia morrer.

Ela, determinada, pegou o telefone e ligou para uma médica amiga que me mandou ir lá. Fiz uma bateria de exames e não foi constatado câncer nem tuberculose. Mas a médica, determinada, não desistiu de investigar e me encaminhou para um colega, o qual fez o diagnóstico.

Apontou tuberculose e me encaminhou para o tratamento especializado, já que eu não tinha mais forças; fui internada na UTI, pois metade do meu pulmão estava comprometida, fiquei afastada do hospital por quatro anos e, quando estava pronta para voltar, fui diagnosticada com outra tuberculose. Dessa vez, por pouco não desencarnei. Minha mãe, me vendo daquele jeito, fez um pedido à minha avó, que me ajudasse naquele momento... Fechei os olhos e dormi; ouvia uma voz dizendo:

— Vamos! Está na hora de o ônibus sair. Eu levantei e tinha uma senhora na minha frente com um sorriso lindo, que me conduziu até um ônibus, onde havia muitas pessoas, entrei e me acomodei. O ônibus partiu, só que ele não andava pelo chão, ele flutuava, o cenário começou a mudar. O céu era mais azul, as nuvens mais brancas, tudo era lindo. Foi quando avistei de longe uma cidade, uma construção linda, vários ônibus estacionados, muitas pessoas andando em fila para o interior de um templo, parecia uma igreja.



Ao sair do ônibus, uma senhora com uma roupa branca sorriu e disse:

— Minha filha, só siga a fila e depois volte ao ônibus... —
Fui seguindo a fila, entrei na edificação, vi uma fonte enorme donde jorrava uma água azul, nos davam um copo o qual enchíamos daquela água, tomávamos e depois nos dirigíamos de volta ao ônibus.

Quando acordei, minha mãe estava ao meu lado. Disse para ela que iria ficar bem. Ela me disse:

— Eu sei, tua avó estava te cuidando...

Depois desse dia comecei a melhorar, fiquei curada e decidi que não iria mais trabalhar no hospital, pois minha missão ali havia terminado.

Fui fazer especialização em medicina chinesa, fui com minha mãe à Filial do Racionalismo Cristão da minha cidade falar com o presidente da época, Sr. Mozart Camacho, quando lhe disse que gostaria de trabalhar lá. Preenchi uma ficha e no dia seguinte já fui para uma reunião particular, de desdobramentos espirituais, na qual ele me disse para sentar à mesa, ler e observar. Começaram os desdobramentos, fiquei de olhos fechados, só que de repente eu falei, ou melhor, estava dando comunicação já no meu primeiro dia.

O Sr. Mozart ficou muito feliz, disse que iria me auxiliar e realmente me ensinou muita coisa. Foi tudo muito rápido.

QUANDO COMECEI PSICOLOGIA



A psicologia sempre foi o sonho do meu irmão, 10 anos mais novo que eu. Me sinto até uma espécie de mãe para ele, mais que uma irmã ...

Sempre cuidando dele foi quando me disse que o seu sonho era tornar-se psicólogo ; então, eu o inscrevi no vestibular de Psicologia e ele foi aprovado.

Fiquei muito feliz por ele, mas conseguiu ficar só seis meses , pois o problema que ele tem na vista o impedia de ler ; ele tem lesões na retina , e o médico disse que a qualquer instante a retina poderia descolar e ficar cego. Parou os estudos e seguiu a vida dele . E eu então resolvi fazer Psicologia , pois como não queria mais lidar com doenças do corpo, e me que havia trabalhado minha vida toda, começando com a enfermagem, depois Biomedicina na área de pesquisas, resolvi entrar na área da mente e lá fui eu para mais uma aventura.

Tudo o que faço no campo profissional acaba me levando de uma forma ou de outra para as crianças; acredito ser uma missão!

Formei-me, fiz pós-graduação nessa área, doutorado e hoje sou embaixadora no combate à violência infantil.

Tenho muito orgulho da minha trajetória até aqui, pois fiz tudo que me orientavam para ser útil, tanto profissionalmente quanto para a minha evolução espiritual.

Com muita satisfação, montei meu consultório. Saía do trabalho ao final da tarde, correndo para a filial do Racionalismo Cristão onde trabalhava como médium. Alguns anos se passaram.

Em uma determinada noite, fui levada ao plano astral, em uma sala onde havia uma mesa grande; ali acontecia uma reunião e me mostraram um projeto, o qual eu teria que implantar no Racionalismo Cristão.

Ali, tomei ciência de o todo projeto. Ao acordar, passei tudo para o papel. Depois de finalizado, mostrei a proposta ao presidente da Filial, e me foi dada carta branca para fazer o que fosse necessário.

Nasceu oficialmente o projeto do teatro infantil.

O projeto visava a inclusão das crianças e adolescentes na casa Racionalista Cristã, de maneira que fossem aprendendo de uma forma lúdica os conceitos filosóficos divulgados por Luiz de Mattos, seu fundador e codificador.

Foi incrível como tudo aconteceu! As pessoas se juntaram, cada um colaborando com um pouco, e conseguimos assim levantar um prédio: o nosso teatro, que recebeu o nome de MIGUEL CUNHA.

Esse projeto envolvia dança artística, aulas de interpretação teatral, artes marciais como karatê, pintura, poesia e também canto.

Teatro



Estudo da Doutrina



Canto



Poesia



Adaptei a obra de Joana D'Arc para peça juvenil, e as crianças adoraram participar.

A estreia foi um sucesso. Trouxemos realmente as crianças para nossa casa, para a doutrina filosófica de Luiz de Mattos.

Teatro Miguel Cunha



Apresentacao da Peca Joana D'Arc



Encontro em outras Filiais



Ensaio do Teatro



Confraternizacoes



Apresentacao de pecas





Coral Emocoes que participava em eventos,e dava aula de canto para as crianças e os jovens.

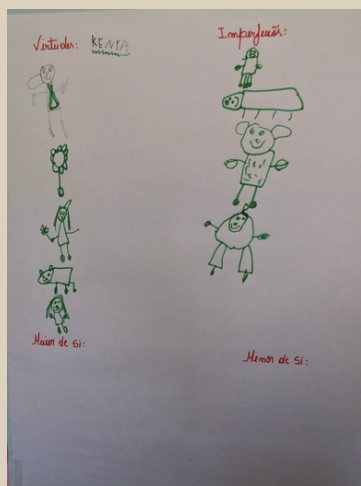


O Grupo Jovem tinha uma programação,fora do horário das reuniões, aos sabados havia encontros para ensaios, reuniões e confraternizações .

Havia encontro de Jovens em outras filiais e apresentacao do grupo Jovem com teatro e canto.



Atividades do Grupo



Atravez do desenho
espressando as
virtudes



Mural feito por
crianças
pequenas , tema
relacionado a
conhecimento

Nesse meio tempo, o antigo presidente da nossa filial desencarnou, já estávamos com outro presidente; foi quando começaram a acontecer mudanças pela matriz. Até aí, tudo bem. Mas foi pedindo conselhos sobre um zumbido contínuo que apareceu no meu ouvido, incomodando bastante, que começou tudo a desabar.

Precisava de um apoio para o que estava acontecendo comigo, pois eu já não me sentia bem. O novo presidente me perguntou se eu iria ao Rio de Janeiro na matriz do Racionalismo Cristão, caso conseguissem uma consulta para mim, com o que eu concordei. Ao entrarem em contato com a sede e explicarem o meu caso, obtivemos como diagnóstico que eu estava obsedada, que deveria ficar na cadeira dos obsedados, conforme preconizam as práticas da Instituição.

Foi uma tristeza enorme, pois não acreditava em tal afirmação, mas como acreditava na espiritualidade, que nunca havia me abandonado, fui me sentar naquela cadeira, onde todos ficavam me olhando assustados, pois até outro dia estava dando comunicações da espiritualidade superior e, em outro dia, na cadeira dos obsedados. Foi quando na terceira reunião, ali sentada, aconteceu a comunicação do Sr. Mozart Camacho, que através do instrumento mediúnico falou do meu valor como também instrumento mediúnico e de como eu havia transformado a visão da doutrina com a inclusão das crianças e jovens. Disse mais: que se eu desse valor à doutrina, que me levantasse e fosse embora.

Esperei a reunião terminar, levantei e deixei tudo para trás. Meu psicanalista ficou impressionado com tudo o que aconteceu e fiquei em tratamento por muito tempo para não me desequilibrar.

Procurei outro lugar para trabalhar minha mediunidade, pois me sentia muito mal com o que acontecera na filial que por anos frequentei. Me senti abandonada pela instituição a qual minha família sempre frequentou.

Tinha que continuar trabalhando a minha mediunidade. Sabia dessa necessidade e, por indicação, fui para uma casa espírita kardecista. Comecei no grupo de estudos, não demorou muito e já estava dando aula de evangelização para crianças de rua, num projeto; aos sábados trabalhava com essas crianças adolescentes. Assim, me realizei, porém, sempre uma voz me dizia:

— Está na hora de seguir...

Excursão Para Fenadoce



Grupo de Evangelização para Crianças Carentes

Grupo de Evangelizacao Infantil



Foi quando cheguei a outra casa kardecista, porque era mais perto da minha residência e lá me encantou. Pedi para ficar nessa casa, não demorou muito tempo e o coordenador perguntou se eu não daria evangelização para crianças pequenas. Nossa! Foi muito bom! Cresci muito, aprendendo com essas crianças. Novamente veio o convite para dar passes; foi aí que minha vidência aumentou, pois quando as pessoas entravam para o passe, eu enxergava suas doenças.



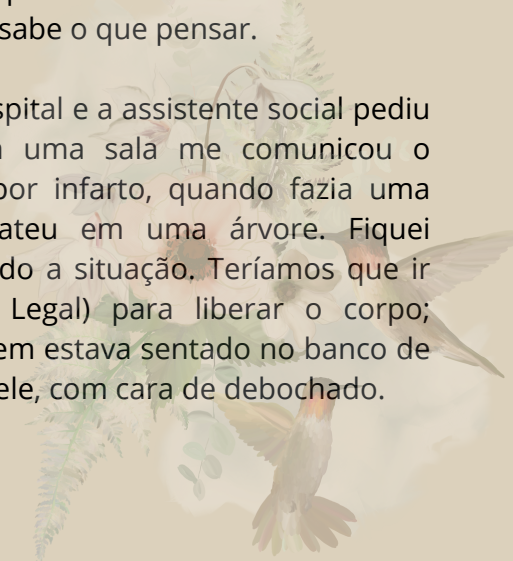
Certo dia, ministrando um passe em um menino, via saindo bolinhas vermelhas do coração, mas eram muitas. Então perguntei ao dirigente o que poderia ser. Ele me disse que a criança estava com cirurgia cardíaca marcada.

A PARTIDA DO MEU PAI

Como falei anteriormente, meu pai era ateu e dizia que, quando ele morresse, nunca iriam esquecer desse dia. Ele era uma pessoa muito alegre e prestativa, só que pessoas com depressão não vêm com crachá no peito. Tinha depressão e ninguém suspeitava que ele sofria disso. Para fugir de suas angústias, ele bebia e vivia cercado de espíritos inferiores.

Num determinado ano, no Dia dos Pais, sempre o chamava para almoçar comigo, mas naquele dia ele não quis, falou que queria ficar em casa... Eu senti que algo iria acontecer e fiquei com aquela sensação desagradável. Então, liguei novamente para ele e pedi que viesse. Foi aí que ele começou a falar muitas coisas: Falou que me amava muito e que sofria por estar daquele jeito. Pedi muito para ele vir almoçar comigo, mas ele não veio. Um dia depois, o meu telefone tocou; era do hospital, dizendo que meu pai tinha sofrido um acidente. Nessas horas a pessoa não sabe o que pensar.

Saí de casa, cheguei no hospital e a assistente social pediu para acompanhá-la, e em uma sala me comunicou o falecimento do meu pai, por infarto, quando fazia uma curva de automóvel e bateu em uma árvore. Fiquei anestesiada, não entendendo a situação. Teríamos que ir ao IML (Instituto Médico Legal) para liberar o corpo; quando entrei no carro, quem estava sentado no banco de trás? Meu pai! Do jeitinho dele, com cara de debochado.



Começou a citar seu testamento ali mesmo, no banco do carro. Ele disse:

— Sabe aquela televisão do meu quarto? Dê para a Taíssa (minha filha mais nova.) Também disse: — O dinheiro está guardado — e que perguntasse onde estava para a Taíssa, que ela sabia onde ele guardou.— Meus órgãos, dizia ele, doe tudo, não quero frescura, se não puder doar o corpo para estudo. Quero um caixão bem simples, não gastem com bobagem.

E disse ainda: — Meu velório vai ser uma festa!

E realmente escolhemos um caixão simples, compramos a bandeira do time onde ele foi jogador. Na hora do velório veio a torcida em peso do time prestar homenagem, além de muitos amigos que fez na vida. Ele se despediu do planeta Terra com muitos aplausos.

A última vez que vi meu pai foi no dia do meu aniversário, foi uma das poucas vezes em que enxerguei muito colorido com cores bem vivas.

Senti um aroma de rosas, olhei para trás e ali estava meu pai com a camiseta do time dele, vermelha e uma rosa na linda mão, e me disse:

— Feliz aniversário!

A luz que brilhava no seu entorno era linda, ele sorriu e nunca mais o vi.

A DOENÇA DA MINHA MÃE

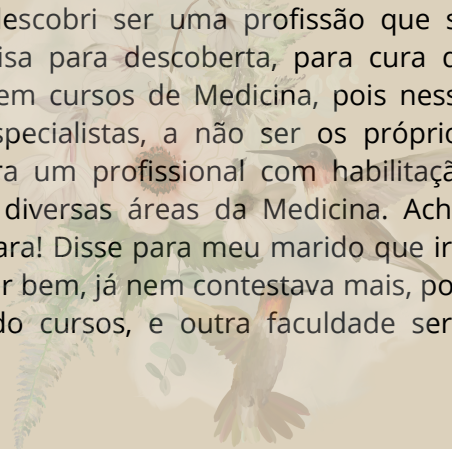
Minha mãe e eu éramos muito próximas, pelo fato de ela entender minha mediunidade. Nós combinávamos que, quando uma queria conversar com a outra, mentalizávamos o rosto da outra e dizíamos mentalmente: “me liga”, “me liga”, e era infalível: o telefone tocava! Era muito gostosa essa comunicação.

Certo dia, sentada, fazendo minhas irradiações, como preconizado no Racionalismo Cristão, uma voz me disse:— Vamos precisar que você se prepare, porque o planeta Terra irá perder muitas pessoas, com uma doença que levará embora milhões de pessoas.

Então me perguntei: "Como eu poderia ajudar?"

E isso ficou na minha cabeça. Tudo que acontecia comigo eu contava para minha mãe e meu marido, para não me taxarem de louca. Caso acontecesse realmente, e tivessem se passando os dias, nada de acontecer a tragédia anunciada.

Um dia, passeando, um rapaz me entregou um folheto que dizia: "Vestibular para Biomedicina". Eu me questionei o porquê daquilo ter vindo parar na minha mão. Fui pesquisar o que era Biomedicina e descobri ser uma profissão que se voltava à área de pesquisa para descoberta, para cura de doenças e para lecionar em cursos de Medicina, pois nessa área, ainda não havia especialistas, a não ser os próprios médicos. O biomédico era um profissional com habilitação legal para dar aulas em diversas áreas da Medicina. Achei desafiador, era a minha cara! Disse para meu marido que iria fazer. Ele, por me conhecer bem, já nem contestava mais, pois eu estava sempre fazendo cursos, e outra faculdade seria apenas mais um.





A Biomedicina desempenha um papel crucial na área de pesquisa, investigando processos biológicos e doenças para desenvolver novas terapias e tecnologias. Profissionais da área realizam análises laboratoriais, pesquisam medicamentos e vacinas, e desenvolvem métodos de diagnóstico e prevenção de doenças



A biomedicina teve um papel crucial no enfrentamento da COVID-19, atuando em diversas frentes como diagnóstico, pesquisa e desenvolvimento de soluções para a saúde pública. A pandemia evidenciou a importância do biomédico no combate a doenças infecciosas e na prevenção, com destaque para o sequenciamento do coronavírus por uma biomédica no Brasil

Entrei para a faculdade de Biomedicina e achei fabuloso. Foi então que me veio à lembrança aquela voz sobre o que iria acontecer aos habitantes do planeta. Fiquei muito focada nessa área de pesquisa e laboratório, estudando as doenças, pois não sabia de onde viria o inimigo.

Então, uma noite, sonhei (desdobramento) que estava entrando em uma casa que não conhecia, mas minha mãe estava lá, sorrindo. Me disse:

— Vem, vou lhe mostrar minha casa.

Não estava entendendo nada, pois não conhecia aquela casa. Foi então que minha mãe foi entrando nos cômodos e me mostrando. Esse quadro eu quero que tu dê para fulano, esse para sicrano e esse pra Mimi (neta dela que foi morar no Rio de Janeiro e nunca mais voltou). Então percebi e lhe disse:

— Mãe, isso é uma despedida?

Ela disse que sim. “Eu vou voltar para casa!”

Como de costume, eu contava tudo de estranho para ela e meu marido. Os anos se passaram, quando um dia, fui convidada pela minha mãe para ir ao neurologista; fui, como sempre fazia. Após a consulta, o doutor disse que ela estava com um probleminha de esquecimento, mas que ele daria uma medicação para isso, que ela não poderia mais deixar de tomar. Achei estranho, peguei o diagnóstico e li: desmineralização neural com emaranhados neurofibrilares da proteína tau, além da presença de placas amiloide, que são depósitos da proteína beta-amiloide ou seja, mal de Alzheimer.

Fui para casa dela, sentei e lhe disse que entre nós nunca houvera segredos, que tínhamos um trato de nunca mentir ou omitir nada uma da outra. Relatei que o exame cerebral acusou início de Alzheimer. Ela me fez prometer que não contaria para ninguém.

Conversando com o médico, ciente de que eu sabia interpretar exames e discutir os casos clínicos, perguntei a ele:

— Quanto tempo ela ainda teria?

E ele me disse que um ano! A vida seguiu seu curso!

Minha mãe estava em um processo de esquecer uma coisa aqui, outra ali, mas nada demais. Até um dia em que precisou fazer uma cirurgia de vesícula; seria um procedimento simples, até ter uma parada cardíaca na cirurgia. Nossa luta iria começar, de um paciente simples, se tornou um paciente de alto risco, necessitando de UTI. Foi transferida para um hospital maior, ficou três meses em tratamento intensivo, eu e meus irmãos nos revezando, ficando em uma antessala da UTI, torcendo para que ela vencesse a morte, pois não havia mais antibióticos que fizessem efeito, estava com septicemia. Foi transferida novamente para outro hospital, onde com a força de vontade de viver, ela venceu!

Aquela mulher que entrou para uma cirurgia de vesícula era uma; após muitos meses entre a vida e a morte, saiu uma outra pessoa. Nós não reconhecíamos nossa mãe, mas como digo sempre: a vida continua e começamos a cuidar dela, até chegar ao ponto que só restou eu para enfrentar essa luta diária. Chegou a pandemia covid-19 e toda loucura junto. Eu, como havia feito Biomedicina, estava preparada para cuidar da minha mãe e da minha família, para que a pandemia não nos atingisse.

Foi uma fase muito difícil para todos, principalmente para minha mãe que a cada dia estava indo embora, mas nos momentos mais difíceis, eu orava, eu irradiava pensamentos, pois esses eram meus únicos momentos de paz.

Após cinco anos de muito sofrimento, minha mãe pegou covid e começou a sentir falta de ar; agimos rápido, meu irmão e meu marido a colocaram dentro do carro e a levaram ao hospital, onde ela tinha plano de saúde. Todos lá já a conheciam bem, pois eram muitas idas e vindas com várias internações.

Ela foi colocada no isolamento da covid. Eu a ouvia gritando meu nome lá de dentro. Imediatamente entrei no isolamento e a encontrei com os olhos perdidos, com medo e pediu ajuda... Estranhei tamanho sofrimento. Foi quando o médico relatou que, na tentativa de pegar um acesso venoso, perfuraram o pulmão. Foi conduzida às pressas para a UTI do covid, e aquele cheiro de morte era muito forte, pois todo dia desencarnavam muitos pacientes com covid.

Lembro que em uma determinada semana morreu uma família inteira. Tínhamos de nos revezar novamente para, em pensamento, estar junto dela.

Em uma visita, ela numa lucidez me disse:

— Teu pai veio me buscar. — Mas como todo paciente de Alzheimer costuma ter alucinações, negava veementemente esta possibilidade.

Passaram-se dezenove dias quando o médico nos chamou e disse que tínhamos que tomar uma decisão: ou a entubávamos ou a deixávamos com cuidados paliativos. Fiz um curso de cuidados paliativos, mas nunca uma palavra com um sentido tão forte doeu tanto.

Resolvemos deixar Deus decidir o momento de ela partir. Fui para casa, meu irmão também. No dia seguinte, estava atendendo um paciente online e, antes eu fiz uma oração para Nossa Senhora, acendi uma vela, pouco depois a chama da vela subiu muito, saiu uma fumaça preta e acabou de queimar a vela em um instante. No prato, restou a parafina em formato de caixão, quando ouvi: "sua mãe morreu!"

A dor no peito, de angústia, era grande. O telefone tocou em seguida, era meu irmão dizendo "ela se foi!"

O covid levou as pessoas de um jeito muito triste. Colocaram-na em um saco preto, com caixão lacrado, no máximo cinco parentes, sem velório. Foi a última vez que vi minha mãe.

O tempo foi passando, eu tinha certeza que iríamos nos conectar, pois fazíamos isso mentalmente com muita facilidade.

Um ano se passou e nada de contato. Foi quando num sonho eu a vi em um hospital astral. Estava em tratamento desde o seu desencarne, já fazia um ano. Compreendi que o corpo vai embora, mas o corpo astral leva as dores, as doenças e precisa também de tratamento especializado.

Em uma noite, fazia as mentalizações do grupo Espiritualismo Racional e Científico Cristão, quando uma luz muito forte apareceu e vi minha mãe entrando na sala! Estava recuperada e com sua fisionomia jovial. Meio encabulada balbuciei:

— Oi, mãe, como está lá?

Ela sorriu e disse:

— Muito bom! Eu pinto quadros em lugares lindos, estou estudando bastante, só não tem joguinho... — e sorriu!

— Eu vim aqui para dar um recado. Diz para Aryta que estou mandando um presente para ela — e então partiu. Duas semanas após, Aryta, minha neta, ligou muito alegre e disse "vó , adivinha!"

E sem pensar, disse: —Esta está grávida! — Sim,minha neta estava grávida!



MEU PRIMEIRO CONTATO COM A PSICOGRAFIA

Quando eu tinha 20 anos, sonhava muito com cenas de um lugar montanhoso, com um casarão... Aquelas cenas se repetiam constantemente.

Foi quando, certo dia, ouvi uma voz que me pediu: "escreva!" e comecei a descrever as imagens que vinham na minha mente. No final, saiu um romance espiritualista.

Escrevi uma carta para a matriz do Racionalismo Cristão, verificando a possibilidade de editá-lo, porém, nunca obtive uma resposta. Uma pena!

Outra experiência que tive, foi quando em meu consultório refletia em pensamento sobre qual medicação homeopática prescrever no caso em questão, quando a caneta se mexeu. Peguei-a e foi automático o que ia sendo escrito. Ao final, quando li, era a receita homeopática a qual estava propensa a prescrever.

AVISOS

Eu recebo muitos avisos das coisas que vão acontecer, só não sei quando irá ocorrer, se será hoje, amanhã ou daqui a alguns anos.

Uma noite, fomos convidados eu e meu marido para um jantar. Fui me preparar, quando uma voz muito alta dizia: "não vão! não vão!"

Resolvi não ir. Disse ao meu marido para ficarmos, porque não estava me sentindo bem, porém ele resolveu ir mesmo assim. Às duas horas da manhã, toca o telefone. Meu marido estava na delegacia, pois perdeu a direção do carro e atropelou um rapaz de moto. O rapaz não desencarnou, mas o trauma que ficou para ambos foi imenso. Hoje ele escuta quando digo para ficarmos em casa.

Anos após, estávamos almoçando e vi entrando no restaurante o pai dele. Detalhe: o pai já havia falecido há muito tempo. Eu falei para ele:

— Teu pai está aqui. — Ele arregalou os olhos e ficou perplexo.

Então o pai dele me disse que o filho precisava se cuidar. Na hora senti uma angústia. Um mês depois, meu marido teve um infarto, foi para sala de cirurgia e fez cinco pontes de safena.

ERCC — ESPIRITUALISMO RACIONAL E CIENTÍFICO CRISTÃO

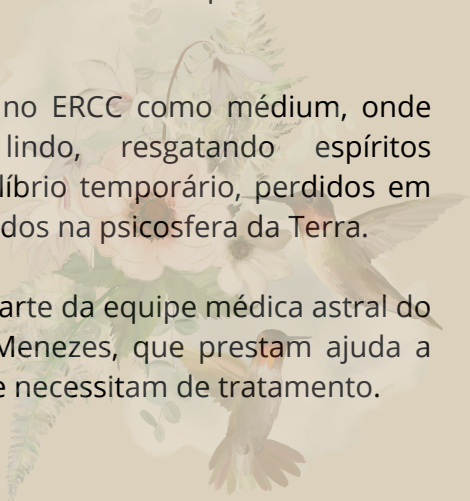
Já estava há muito tempo sem frequentar um local para cuidar da espiritualidade. Sei da necessidade de todo médium trabalhar, de estudar constantemente, embora eu estivesse sempre lendo. Sentia que faltava algo. Foi quando um amigo me indicou o grupo ERCC. Resolvi experimentar; entrei em uma reunião online promovida por eles e me senti em casa, uma sensação de que tinha ido viajar para muito longe e estava voltando para casa, como se eu já fizesse parte daquela família.

Houve muitos outros episódios mediúnicos em minha vida, mas como para todo médium, as histórias são muitas.

Espero que, com este meu relato, possa ajudar quem está despertando para a realidade mediúnica e que possa perceber que tudo depende de como enxergamos a vida e o que nos cerca. Aprender a conviver com a mediunidade é essencial, pois trata-se de uma missão da qual não se deve fugir.

Desde então, eu trabalho no ERCC como médium, onde fazemos um trabalho lindo, resgatando espíritos desencarnados em desequilíbrio temporário, perdidos em suas próprias histórias e retidos na psicosfera da Terra.

Além desse trabalho, faço parte da equipe médica astral do Dr. Fritz e Dr. Bezerra de Menezes, que prestam ajuda a todos os seres humanos que necessitam de tratamento.



E assim encerro estas páginas, que não são apenas relatos de uma vida, mas testemunhos de uma alma em aprendizado constante.

Ao longo deste caminho, fui instrumento, fui mensageiro, mas sobretudo fui aprendiz.

Cada dor, cada revelação, cada conexão com o mundo espiritual foi um convite para ir além do visível e compreender o invisível.

Se estas palavras chegaram até você, talvez seja porque a sua essência também busca respostas, alento ou apenas a certeza de que nunca estamos sós.

Que minha história possa te lembrar disso!

Somos guiados, amparados e profundamente amados por forças que, embora silenciosas, jamais nos abandonam.

A mediunidade não me fez especial. Ela me fez responsável, através dela descobri que servir é a maior expressão do amor.

Deixo este livro como uma oferenda sincera ao plano maior, à espiritualidade que me sustenta e a todos que, como eu, seguem trilhando com fé o caminho da Luz.

A mediunidade me ensinou que não somos donos do tempo nem dos caminhos, mas somos responsáveis por aquilo que fazemos com a luz que recebemos.

Fui canal, fui ponte, fui voz, mas, acima de tudo, sou humana, que falha, sensível, disposta a aprender com cada queda e cada revelação.

Se minha história tocou seu coração, então, sinto que cumpri meu propósito.

Que você, caro irmão de jornada terrena, encontre aqui a coragem para ouvir sua intuição, fé para aceitar o invisível e força para seguir com amor, mesmo quando tudo parecer silêncio.

Não te esqueças:

— Cada espírito é um mundo em si mesmo, cada jornada é um campo de trabalho que Deus nos confia, não para aplauso, mas para aprendizado e bons serviços.

Emmanuel

Com luz e gratidão,

Mara Santos



Fim

PARA PARTICIPAR DAS NOSSAS REUNIÕES
BASTA
ENTRAR EM CONTATO PELO WHATSAPP

COORDENADOR FLAVIO FARIA
+ 55 (13) 99789 3185

NOSSO SITE

www.ercristao.top

BAIXE E DISTRIBUA TODO NOSSO MATERIAL
TEÓRICO